

### TEORIA DO VALOR EM KARL MARX E CARL Menger

#### Comparação do valor trabalho e utilidade marginal

Adriano Serrat Silva Santos<sup>1</sup>

Universidade estadual de montes claros (UNIMONTES-MG)

**RESUMO:** A transição do feudalismo para o capitalismo tem em seu fator principal a produção de excedentes, e a fuga do campo para as cidades construiu uma nova forma de vida. O fim das obrigações morais com os senhores feudais se constituiu com a concentração do comércio, baseado no trabalho assalariado, fortalecendo a busca por dinheiro e lucro. Assim, portanto, os teóricos que estudaram estes acontecimentos, da perspectiva da economia política, como Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx e Carl Menger culminaram, de alguma forma, sobre a teoria do valor. Com o foco em Karl Marx e Carl Menger, dois precursores de duas escolas de pensamento que surgiram na mesma época, este artigo busca em um estudo comparado analisar estes pensamentos conflitantes, pois as obras estudam a teoria do valor. Para Marx, o lucro deriva de seu entendimento próximo à postulação Ricardiana de que o valor resulta da quantidade de trabalho incorporada na mercadoria. Portanto, o valor é determinado socialmente, dependendo do tempo médio de produção, levando-se em conta a produção média da sociedade. Já Para Menger, o valor da mercadoria está na sua importância para o consumo, suprir as necessidades humanas, possuindo variações de bens de importância inferior e superior. Assim com a comparação destas teses percebemos a relatividade do valor atribuído na mercadoria.

**Palavras-chave:** valor, valor de uso, importância, individualismo.

### INTRODUÇÃO

A sociedade, em sua forma capitalista, é um conjunto de relações mutuas de dependência para a produção de mercadorias, que tem o trabalho como atividade que busca de satisfazer as necessidades. O valor da mercadoria tem, portanto várias formas de ser expresso, a depender do tipo de hipótese ou da teoria que o fundamente. Assim por meio disso podemos perceber que a evolução da produção está atrelada a satisfazer as necessidades. Mas sobre o capitalismo a produção toma outros caminhos, colocando a produção de mercadorias para a troca pois o essencial para o capitalista é a produção de lucro. A revolução industrial do século XVIII, e as produções em grande escala são as formas de busca por lucro dos capitalistas, e a forma de sobrevivência para o trabalhador urbano que possui apenas a sua força de trabalho como mercadoria de troca. Assim, portanto, os teóricos presentes a esses acontecimentos como Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx e Carl Menger o fundador da escola austríaca, postulam teorias sobre a relação de valores das mercadorias.

Com o foco em Karl Marx e Carl Menger, precursores de duas escolas de pensamento que surgiram em épocas próximas – embora a escola clássica, à qual Marx se filia, preceda a escola austríaca –, mas com pensamentos conflitantes, a respeito da teoria do valor. A busca das totalidades em cada um se constitui, portanto com a ação do homem em relação ao seu modo de produção.

<sup>1</sup> Graduando ciências econômicas. Universidade estadual de montes claros.

### Desafios à Democracia, Desenvolvimento e Bens Comuns

Para Marx o capitalismo coloca o trabalho criativo de lado, buscando artifícios para intensificação da produção e, o seu sentido social de dependência é a busca por sobrevivência vendendo a sua força de trabalho, e assim a sociedade simplifica as tarefas e aumenta a divisão do trabalho. O capitalismo é, portanto, a sobreposição do lucro/do valor de troca sobre o homem/valor de uso. Com o método do materialismo histórico dialético, a sociedade deve ser interpretada no seu contexto histórico, e situada na determinação dos tipos de mercadoria que produz e como produz. Pois, a consciência humana é formada pelo contexto histórico.

Assim conforme o prosseguimento da história e com o fim do comunismo primitivo os laços de dependência para a produção de bens para a sobrevivência se alargam. O trabalho manual e as formas sociais da servidão do trabalho evoluem para o trabalho mecanizado assalariado, muda totalmente a estrutura social. Porém toda a forma de organização para a passagem do feudalismo é uma concatenação das ações individuais que lentamente se organizaram até chegar ao capitalismo. Contudo toda nova organização social há resquícios da antiga, desse modo o capitalismo possui as relações dialéticas que antes eram entre servos e senhores. Portanto agora passa a ser entre proletariados e capitalistas donos dos meios de produção.

Assim, Marx vê o capitalismo como um resultado não intencionado das relações humanas que procede na evolução histórica. Já Menger tem por princípio o individualismo metodológico, onde a ação individual resultado de uma concatenação das ações dos demais indivíduos, que na busca do seu próprio bem estar transforma em bem estar geral para a sociedade. Contrária a resolução de Marx, pois, as interações mesmo não intencionadas são ligadas as instituições sociais, e a uma classe dominante que fomentam, com estas ações e práticas nem sempre conscientes de si, a evolução do processo de produção da sociedade.

Para Carl Menger a sociedade é um arranjo de resultados não intencionais da ação humana. O homem age intencionalmente para satisfazer as suas necessidades, mas os resultados latentes que suas ações possuem não estão ao seu controle. Consequentemente as instituições são espontâneas, classificada por ele como orgânicas aquelas que surgem para promover o bem e o funcionamento da sociedade, sob ações intencionais, assim tem resultados não intencionados, como o surgimento da língua, ao procurarem formas de se expressarem a sociedade criou várias formas de comunicação. Assim diferente de Marx, ele acredita que as instituições não podem simplesmente ser alteradas, pois a sua forma não é intencional, pois como exemplo da forma do surgimento das línguas, para mudar esta característica seria necessário a ação intencional de todos os indivíduos. Esta estrutura criada pela ação individual funcionaria com o fim de atender as necessidades, assim como as mercadorias, pois para ele os bens têm o seu valor ligado a variação subjetiva de cada um na importância, relacionado à satisfação de necessidades. Por sua vez são organizadas por uma hierarquia decrescente, onde cabe a cada indivíduo atribuir o seu valor.

A busca pela interpretação do valor é sobre o que esta por trás da oferta e demanda, pois Marx e Menger nunca divergiram que os preços de mercado em curto prazo são conduzidos pela oferta e demanda<sup>2</sup>. Assim os fatores de produção terra, trabalho e capital são determinados pela oferta e demanda, o que cabe a eles é definir o que é o valor por trás da produção. Pois, para Karl Marx o capitalismo é o modo de produção, de acumulação e exploração, assim o que

2 E.K.HUNT, MARK Lautzenheiser. 2013. 471

esta válido para ele em sua teoria é o valor de uso e o valor, este que se manifesta socialmente na troca. E Menger tem na base o capitalismo como o promotor do bem-estar humano, sendo, portanto, este sistema um facilitador da vida econômica que busca satisfazer as necessidades que os indivíduos priorizam, o valor é relativo às necessidades de cada um.

Portanto, a esfera econômica cria todas as dimensões sociais, para Marx e Menger. Mas qual o fator que faz com que esta esfera funcione? A busca pela satisfação das necessidades primordiais seria de fato o principal para Marx e Menger, mas a oportunidade e necessidade de se produzir mais e o crescimento do mercado com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, em especial a partir das revoluções comercial e industrial, abriu o caminho para o acúmulo de riquezas, e este acúmulo é ligado ao lucro. Assim o lucro para Marx relaciona-se com a postulação Ricardiana de que - o valor é a quantidade de trabalho incorporada a mercadoria. Menger não discorda da teoria valor-trabalho, pois, há uma hierarquia entre os bens, e para a produção de uma grande quantidade de bens de ordem inferior é necessário uma grande quantidade de bens de ordem superior, desse modo era requerido ter capital, terra e força de trabalho. Em vista disso o valor dos bens de ordem inferior será sempre determinado pelo valor dos bens de ordem superior, contando ainda com a importância que a coisa terá para cada indivíduo em uma escala decrescente de utilidade.

Em Marx o valor é determinado quantitativamente, e se as mercadorias são permutáveis em seus valores de uso, assim, a mercadoria trabalho está cristalizada nas demais mercadorias, medida pelo tempo médio de produção. Carl Menger, por sua vez, precursor da escola austríaca disposto a resolver o paradoxo da água e do diamante de Smith, que afirmava não haver bem mais importante que a água, mas o seu valor de troca é ínfimo, comparado a um diamante que não possui quase que nenhuma utilidade, mas consegue ter um enorme valor de troca, portanto, não há relação entre valor e utilidade. Menger vê que a mercadoria tem em seu papel o cumprimento da satisfação das necessidades humanas e a melhoria do bem estar social. Portanto, este artigo não busca finalizar esta discussão, mas comparar as suas teorias priorizando a relação de valor para cada autor, e por fim poder relacionar, mas não levar ao encerramento desta discussão.

### 1- A COMPREENSÃO DO VALOR DOS BENS EM CARL MENER

O individualismo metodológico é o ponto principal para compreender Carl Menger, pois, o indivíduo procura os bens que satisfazem as suas necessidades intencionalmente. A formação de valor de algo se assenta na sua importância subjetiva variando, portanto, de indivíduo para indivíduo, na importância que cada um atribui ao bem. Os bens não são objetos de valor, mas a eles pode ser atribuído o valor. Assim como Smith descreveu, sobre o paradoxo da água e do diamante, onde não há valor da utilidade e sim do trabalho, os neoclássicos procuram resolvê-lo, e Menger pela sua teoria da utilidade decrescente propõe uma resposta.

Propõe que o valor de uso é a propriedade que o objeto adquire pela variação de importância, com a teoria da utilidade marginal decrescente. Os bens têm como características serem ou não econômicos. Um bem não econômico é ilimitado, ofertado sem custo algum, mas pode ter utilidade, assim como a água. O valor do bem se expressa no sentido de que o

indivíduo calcula subjetivamente a sua importância, e tem na sua objetividade uma hierarquia de cumprimento de necessidades ditadas pelos fatores da sua natureza fisiológica. Então, um indivíduo que possui a necessidade de saciar a sua sede, da ao primeiro copo d'água um valor superior ao segundo, pois este teria a sua necessidade satisfeita com o consumo do primeiro. Assim o segundo copo d'água não teria o mesmo valor que o primeiro.

Para Menger o trabalho pode não ser fator intrínseco à valorização do bem, mas os fatores de produção tem um valor superior, pois a partir destes é possível produzir outros bens de ordem inferior. A sua importância, portanto, é subjetiva para o bem-estar individual. Contudo, o tempo de trabalho se caracteriza como um bem, e na sua hierarquia pode ser um bem de característica superior, pois o tempo é importante para os fatores de produção. Portanto, no progresso histórico da produção de bens estamos constantemente procurando formas de encurtar esse dispêndio de tempo, força de trabalho, capital e terra na produção<sup>3</sup>. Mas com o avanço dos meios de produção estes apenas criam mais bens, que criam na hierarquia necessidades diferentes, que é denominado de valor pessoal, pois a cada novo bem introduzido na hierarquia pode alterar a oferta e conjuntamente a demanda.

Estes bens criados para serem bens superiores na hierarquia de necessidades tem em sua disposição o caráter de serem bens limitados, assim a demanda pode superar a oferta, e o consumo deste bem sendo essencial para a satisfação, o consumo, assim eleva o valor de uso do bem, pois a compreensão da necessidade concreta esta ligada a ele. Assim Menger diz

Fica assim patente por que somente os bens econômicos têm valor para nós, ao passo que os bens não econômicos (demanda menor que oferta) não podem ter valor para nós [...]. (MENER, 1983 p.285)

Em exemplificação temos o fato que em um rio onde a água abunda o consumo de um balde, não tem valor para um indivíduo que esta a consumir sem se preocupar com a escassez. Ao passo que aumenta o consumo e a procura por este bem na sociedade, ele passa a ter valor, pois agora consumido em maiores quantidades há o risco de escassez, sendo que até o ponto onde poderia antes ser consumida sem restrição agora com o aumento do seu consumo tem de ser transformada em um bem econômico, e portanto

Quando a demanda de um bem dentro de um período em que se estende a atividade de previsão das pessoas é maior que a quantidade do respectivo bem de que podem dispor dentro desse período as pessoas no afã de satisfazer, de maneira mais completa suas necessidades em relação ao respectivo bem, sentem-se estimuladas a desenvolver as atividades acima descritas que caracterizamos como sua economia[...]. (MENER, 1983 p.283)

A sociedade é em parte grande fomentadora do consumo, pois consiste nela a manifestação das ações individuais intencionada concatenada em instituições e costumes fazendo com que nossas vontades e necessidades se moldem correspondentes em princípios delas. Assim Molda-se o que é bem econômico ou não, apesar de estes terem as suas características específicas de objetividade de oferta e demanda. Portanto o valor está ligado à cultura, mas ele é hierarquizado no mercado por cada por cada indivíduo, e neste ciclo procede-se assim a procura

3 E.K.HUNT, MARK Lautzenheiser. 2013. 471



pela satisfação das necessidades principais determinando o valor do bem e a sua demanda.

O valor não é algo intrínseco aos bens, e não é singular, não existe um bem que contenha valor, mas sim uma ação hierarquizada em sua produção. A medida do valor do bem é determinada se for de origem econômica, e a quantidade de que dispomos é finita afetando a sua oferta e o seu preço. O indivíduo busca primeiro bens que possam atender as suas necessidades de importância maior, após isso terá em sequência a procurar de bens que se assemelhem com aqueles que possuem valor mais próximo na escala de importância das primeiras necessidades, sendo esta a teoria da utilidade decrescente, Menger descreve pelo quadro<sup>4</sup>.

I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X
10	9	8	7	6	5	4	3	2	1
9	8	7	6	5	4	3	2	1	0
8	7	6	5	4	3	2	1	0	
7	6	5	4	3	2	1	0		
6	5	4	3	2	1	0			
5	4	3	2	1	0				
4	3	2	1	0					
3	2	1	0						
2	1	0							
1	0								
0									

As demandas de um indivíduo por um bem deve ser o seu entendimento das suas reais necessidades. Assim com o quadro podemos concluir que, se um indivíduo tem em suas necessidades o consumo de alimentos no número I, este é de máximo valor para ele, e se por outro lado na escala ele tem o consumo de fumo no número IV este em relação aos alimentos tem um valor menor. Postos isto, Menger vê nessa diferença de qualidade de satisfação dos bens uma influência sobre a determinação do valor

Sob o prisma econômico, a diferença de qualidade dos bens pode ser dupla: pode dar-se o caso em que com quantidades iguais de bens de qualidade econômica diferente se atendem necessidades quantitativamente diferentes, ou pode dar-se o caso em que, com quantidades iguais de bens de qualidade econômica diferente se atendem necessidades qualitativamente diferentes [...]. (MENER. 1983. p.302).

Cotidianamente estamos sujeitos a buscar bens de prazeres e valores momentâneos, deixando de lado o bem-estar contínuo que sustenta a nossa sobrevivência. Assim a valorização destes bens que constituem bens de ordem superior é a relação que eles possuem com os bens de ordem inferior. Menger descreve esse fenômeno como

Se, em determinado momento futuro aumentar o valor previsível de um bem de ordem inferior, aumenta também, mesma proporção, o valor dos bens de ordem superior cuja posse nos assegura a produção dos respectivos bens de ordem inferior no futuro em questão ao passo que o aumento ou a diminuição do valor de um bem de ordem inferior no momento atual não tem nenhum nexo causal necessário com o aumento ou diminuição do valor dos bens correspondentes de ordem superior de que dispomos no momento. Portanto, o valor dos correspondentes bens de ordem superior não é determinada pelo valor dos bens de ordem inferior de que dispomos no momento atual, mas, em qualquer

4 Carl Menger. 1983. 291.

circunstância, pelo valor previsível que, ao termino do processo de produção terá o produto resultante do respectivos bens de ordem superior [...].(MENGGER, 1983. p. 307).

Nesta determinação podemos exemplificar com o fio que constitui o casaco. O fio é meio de produção do caso, assim ele é um bem superior, pois este nos da possibilidade de produzir o casaco sendo ele um bem de ordem inferior, que obterá valor de acordo com as necessidades de cada individuo na escala já representada.

Portanto, como podemos perceber a evolução das ações individuais contribuem para a evolução das necessidades, estas buscam aprimorar a produção para diminuir o valor dos fatores de produção como o capital, a terra e o tempo de trabalho, pois estes possuem valor superior, e escassez. Menger descreve desse modo que a subjetividade da importância é o que caracteriza o valor, pois este somente o indivíduo pode decidir por si, apesar do objeto possuir um valor-trabalho na sua produção, para a demanda será determinada pelo encadeamento das ações individuais, afetando a demanda.

### 2-A COMPREENSÃO DO VALOR EM KARL MARX

A mercadoria é um corpo singular que por meio das suas características satisfaz as necessidades humanas de alguma forma, a ação de usar os objetos com a ideia de satisfazer as necessidades é um fator histórico. Como em Menger procuramos entender quais são as propriedades do valor que estão por trás da determinação da oferta e demanda. Assim também faremos esta investigação em Karl Marx. São dois pontos para o entendimento do valor na teoria Marxiana, o valor de uso e o valor (valor de troca).

O valor de uso do objeto é a sua forma natural, efetuado no consumo ou no uso desta<sup>5</sup>. Deste modo o valor que a mercadoria passar a possuir quantitativamente, quando esta tem o poder de troca é o valor, este é uma forma puramente social. Assim pode-se realizar tal ação para trocar valores de uso de tipos diferentes, mas com as mesmas quantidades de valor de uso que cada uma possui<sup>6</sup>. Dito isto, com a evolução das formas de produção e a passagem do feudalismo para o capitalismo, mudaram as relações sociais de produção. O trabalhador antes tinha a sua sobrevivência associada à terra no sistema feudal, e, passa a ter no sistema capitalista de produção sua sobrevivência relacionada com o trabalho assalariado. Portanto a sua força de trabalho neste sistema é a sua torna-se a sua mercadoria de troca, pois este não possui mais seu próprio meio de produção, dado que nesta mudança de sistema há ainda enraizado nas bases da estrutura de produção as relações dialéticas, que antes se resumiam entre servos e senhores agora sob o capitalismo passa a ser entre proletariados e capitalistas.

O valor de uso varia pelas qualidades físico-químicas dos objetos e da utilidade que a sociedade atribui a ele ao longo da historia, e também realizado através do consumo, a produção de coisas é feito através do trabalho de transformação da natureza, a qual o homem muda baseado em uma ideia para a sua sobrevivência (ideação), assim o valor de troca a principio é a relação quantitativa em que valores de uso diferentes podem ser trocados pela mesma propor-

5 Karl Marx. 2013. p. 114

6 Karl Marx. 2013. P.114

ção. Logo, cada força de trabalho individual é a mesma, pois em seu contexto social cada indivíduo atua com a mesma proporção para a produção no sistema capitalista. A força de trabalho para Marx é a mercadoria de troca do trabalhador que, tendo o capitalismo como sua estrutura de produção oferece apenas a compra desta. Dessa forma, a força de trabalho do proletário é o substrato incorporado à mercadoria produzida. Assim com a revolução comercial e industrial há a necessidade de produzir mais em menos tempo, e menos dispêndio de capital. Por conseguinte o trabalho que é comprado para a produção é pago pelo tempo socialmente gasto para a produção do objeto. O valor do trabalho incorporado não se trata de uma medida, e sim uma qualidade que é associada à mercadoria. À vista disso, o valor de uso é produto de ordem social, produto do trabalho humano objetivado na mercadoria. O trabalho social materializado nas mercadorias torna-se nelas a cristalização da mesma unidade de trabalho abstrato<sup>7</sup>.

Pois assim Marx escreve que “A mesma quantidade de trabalho extrai mais metais em minas mais ricas do que em pobres”(p.118), portanto a força produtiva é a mesma, assim a quantidade de trabalho materializado será também igual, mesmo se for dois resultados diferentes de produção, pois, agora se trata de trabalho abstrato, este que é a mesma medida para qualquer indivíduo, não mais trabalho concreto individual que produz valores de uso diversos.

As mercadorias contêm nelas a quantidade de trabalho materializado, assim para a troca destas mercadorias devem ser dadas as mesmas proporções. Assim, portanto, Marx também considera a sociedade um conjunto de ações individuais, situada por uma estrutura relacionada ao tempo, dado isto a força produtiva é a força de trabalho útil (valor de uso), e a mercadoria trabalho é relacionada a sua validade, pois como mercadoria ela tem que satisfazer necessidades por meio de suas propriedades em um período de tempo. Portanto, o mesmo trabalho produz, nos mesmos períodos de tempo, a mesma grandeza de valor, independentemente da variação da força produtiva<sup>8</sup>.

Trabalho é dispêndio de tempo e força humana, e ele gera o valor das mercadorias. A mercadoria contém duas características, a utilidade (valor de uso) e o valor (valor de troca) quantitativo. Enquanto valores de uso ou objetos úteis, elas são também suporte de valor. Deste modo, no processo de produção as mercadorias já estão sendo incorporadas aos fatores de produção, terra, capital e trabalho. A mercadoria final possui, portanto, o valor dos fatores de produção que foi incorporado pelas mercadorias na linha de produção desta, portanto para Marx

Aqui, duas mercadorias diferentes, A e B – em nosso exemplo, o linho e o casaco-, desempenham claramente dois papéis distintos. O linho expressa seu valor no casaco; este serve de material para essa expressão de valor. A primeira mercadoria desempenha um papel ativo, a segunda um papel passivo. O valor da primeira mercadoria se apresenta como valor relativo, ou encontra-se na forma de valor relativa. A segunda mercadoria funciona como equivalente, ou encontra-se na forma de equivalente [...].(MARX, 2013 p.126)

O valor relativo é a forma que uma mercadoria expressa por outra, pois um casaco pode ser trocado por 20 partes de linho, e o contrario pode ser feito também, o casaco possui o valor do dispêndio da força humana para ser feito, desse modo ele possui trabalho acumulado, pois o casaco fornece corpo para a expressão do valor do linho mais o valor do trabalho para a sua

7 Karl Marx. 2003. p. 54

8 Karl Marx. 2013. p. 123

confeção. Sendo assim, a mercadoria linho se expressa no valor de uso da mercadoria casaco, portanto, possui a forma do valor relativo<sup>9</sup>.

Atribuído as essas características encontra-se emaranhado o valor do trabalho concreto, assim a mercadoria é relacionada a um contexto social, pois a sua utilidade vai depender da estrutura histórica a qual foi produzido, assim determinando a oferta e a demanda. A mercadoria trabalho cumpre o seu papel no valor de uso ao satisfazer necessidades individuais quaisquer, desse modo Marx postula

O produto do trabalho é, em todas as condições sociais objeto de uso, mas o produto do trabalho só é transformado em mercadoria numa época historicamente determinada de desenvolvimento: uma época em que o trabalho despendido na produção de uma coisa útil se apresenta como qualidade 'objetiva', isto é como valor[...].(MARX, 2013 p137).

Por fim, cabe à mercadoria em sua função a satisfação das necessidades, e esta utilidade de satisfação é o seu valor de uso, sendo valor de uso simples em uma mercadoria singular, valor de modo unitário (trabalho) sua forma é comum a todas, desse modo universal. Por isso o valor de troca é a relação quantitativa. Mas o trabalho como valor unitário é a grandeza de valor da mercadoria, este determina suas relações de troca dos bens, pois cada objeto modificando representa valor trabalho, com o tempo médio socialmente necessário para a produção, e as demais mercadorias têm a sua produção e acumulação de valores dos fatores de produção. Esta ultima mercadoria no mercado a sua oferta e demanda teria em corpo expresso os valores relativos dos fatores de produção. O valor de uso torna-se mero suporte do valor expresso na troca. Assim, portanto, a mercadoria teria dupla propriedade de valor de uso e valor, não havendo diferença qualitativa, pois, todas representam trabalho humano cristalizado diferenciando uma da outra apenas pela quantidade de trabalho abstrato médio necessário para a sua produção<sup>10</sup>. O trabalho abstrato é puramente social, pois ao quantifica-lo ele é uma medida socialmente estabelecida. Com isto, o trabalho concreto é a produção independente de valores de uso de diversas formas. Consequente, o trabalho abstrato não há diferenças individuais, é apenas um gasto de força de trabalho, sendo as diferenças individuais abstraídas, surgindo uma medida social para a produção. Portanto o valor na mercadoria é são os valores materializados, desse modo a ação de troca é a representação dos valores de uso.

### 3-COMPARAÇÃO E CONCLUSÃO

A relação com o fator histórico nos autores Karl Marx e Carl Menger é um ponto de divergência culminante As mercadorias são objetos singulares que satisfazem necessidades. Estas necessidades para ambos são constituições fisiológicas e sociais, pois há alterações do meio social na criação de outras necessidades, principalmente pelo sistema capitalista. Portanto Marx tem o conteúdo social ligado às instituições que se desenvolveram ao longo da historia, estas estão sempre presentes no cotidiano modificando e determinando a vontade do indivíduo e suas ações, pois a realidade de um contexto social é ditada pela forma que produzem o que produzem. A teoria do materialismo histórico dialético mostra como a passagem dos períodos

9 Karl Marx. 2013.p 127.

10 Ferreira, M.L. 1992.



da sociedade é marcada pela contradição entre classes sociais, e as influências das instituições, e dos símbolos que rodeiam estes indivíduos. Portanto, a produção de mercadorias para o uso esta relacionada a este conflito de classes, e às instituições. Vemos, que, em Menger, por sua vez, as ações intencionadas de cada indivíduo para satisfazer as suas necessidades têm resultados latentes não intencionados. Assim molda-se o conceito das instituições como estado, língua, mercado, etc. Portanto o indivíduo de Menger coloca em escala as suas necessidades, dessa forma os bens ganham valor de acordo com a utilidade para cada indivíduo.

Para Marx e Menger, as mercadorias não possuem valor se suas propriedades não satisfizerem as necessidades em um período de tempo socialmente determinado. Assim para Marx o valor de troca é que está ao centro, não se interessando, aqui, que tipo de valor de uso se produz, pois não é o cumprimento da satisfação das necessidades, e a permutabilidade de valores de uso se da no valor que a mercadoria tem socialmente. Dessa forma Menger tem o seu valor atribuído às características das coisas, podendo estas serem de duas formas, bens econômicos, portanto, possuem um limite na natureza, assim há poucas unidades para serem trocadas e bens não econômicos de abundância infinita, mas ambas possuem valor se satisfizerem as necessidades humanas. Portanto, percebemos que ambos têm o princípio da mercadoria no valor de uso [para Marx: toda mercadoria tem valor de uso, satisfaz uma necessidade, seja ela qual for. Contudo, o princípio dominante, no capitalismo, não é o valor de uso, mas o **valor de troca**], diferenciando-se em que Marx atribui tal valor de uso ao trabalho, pois um objeto que transformado, seja a para a utilidade, ou criando-se uma nova necessidade, tem antes a sua ideação e assim modificado para a satisfação desta, pois, não existe nenhuma forma de bem em que não haja dispêndio de força humana, esta perante o capitalismo tem o seu valor de troca.

Assim sob o modo de produção capitalista, os dois não dispensam os fatores de produção, pois estes são determinantes no preço da oferta, divergindo sobre o que determina a demanda. Marx vê o mercado como trocas quantitativas de valor de uso permutáveis. No capitalismo o que resta para o trabalhador sobreviver é a venda da força de trabalho para o capitalista. Esta é empregada na produção de mercadorias de forma abstrata, pois não interessa tanto a marca individual de produção. Assim no mercado a mercadoria tem o valor de troca, pois têm em seu corpo os valores de uso a ela atribuído. Carl Menger tem em sua teoria a consideração pela teoria do valor-trabalho, pois ele considera este como bem superior na escala de produção de bens inferiores. Mas, mesmo se o bem estiver disposto no mercado e não possuir demanda este bem não possui valor.

A tabela de utilidade decrescente de Menger exemplifica isso muito bem, a ação humana é intencionada pela satisfação de necessidades, assim bens que não produzem satisfação das necessidades não possuem valor, mesmo possuindo trabalho empregado. Pensemos no paradoxo da água e do diamante de Smith novamente, uma pessoa com sede encontra no primeiro copo d'água a satisfação desta, então os copos seguintes não possuiriam valor para tal indivíduo. Os diamantes são escassos e possuem um alto grau de satisfação, então estes sempre terão utilidade, independente da sua quantidade. Para Marx o valor de uso é caracterizado pelas qualidades físico-químicas e da sua utilidade social, portanto a água e o diamante têm em seu valor de uso quantidades permutáveis diferentes, assim o que poderia ser de igualdade de valor nelas é o trabalho expresso no seu valor de troca.

Por fim podemos concluir que, Karl Marx e Carl Menger vêm no valor de uso do trabalho como gerador de valor para a mercadoria, e esta têm que possuir nas suas propriedades características que satisfaçam as necessidades dos indivíduos. Deste modo a diferença entre as teorias encontra-se na relativização da utilidade que Carl Menger postula. Não há como negar que as mercadorias possuam valor trabalho incorporado a elas, e que tenham que satisfazer as necessidades como sua proposta. O ponto em Menger é a desvalorização das estruturas que foram formadas pela história, e que tem por base a dialética entre classes. Dessa forma este conflito determina as formas de produção, de consumo e de necessidades da vida em sociedade.

### REFERÊNCIAS

- Feijó, R. *Economia e Filosofia na Escola Austríaca: Menger, Mises e Hayek*. Nobel, São Paulo. 2000.
- Feijó, R. Teorias Essencialistas e o Problema da Transformação de valor em Preços: Os Casos de Marx e Menger. Universidade de São Paulo (USP), Brasil. 2013.
- Marx, K. *O Capital: Crítica da Economia Política, volume I: o processo de produção do capital*. Boitempo, São Paulo, 2013.
- Soto, J. H. *A Escola Austríaca: Mercado e criatividade empresarial*. São Paulo, Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.
- Vieira, Zaira Rodrigues. *Atividade e Emancipação Humana nos Grundrisse de Karl Marx*. Belo Horizonte: UFMG/FAFICH, 2004.
- Ferreira, M. L. *A teoria marxiana do valor-trabalho*. SP, Ensaio 1992.
- Marx, K. *Contribuição à crítica da economia política*, SP Martins Fontes, 2003
- Menger, Carl. *Princípios de Economia Política*. Abril, 1983.